

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

SIMONE GONÇALVES

CRESCER E

BRINCAR DE VIVER

CAMPINAS

2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

SIMONE GONÇALVES

CRESCER E

BRINCAR DE VIVER

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS

2005

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

G586m

Gonçalves, Simone.

Memorial de Formação : crescer e brincar de viver/ Simone
Gonçalves. – Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1. Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-191-BFE

Seres, no jogo da vida, essenciais à minha existência : Deus, Vanda, José, Sirlene;

Incontáveis Profissionais e Amigos e às sempre eternas crianças, que

contribuem com as alegrias, choros e esperanças.

... Eternos agradecimentos e minha mensagem a vocês :

♪ “Viver, e não ter a vergonha de ser feliz. Cantar... a beleza de ser um eterno aprendiz. Eu sei, que a vida devia ser bem melhor e será! Mas isso não impede que eu repita ... é bonita, é bonita e é bonita!” ♪

Gonzaguinha

“A maturidade do homem significa ter adquirido novamente a seriedade que a gente tinha como criança quando brincávamos.”

Friedrich Nietzsche

LISTAS

LISTA DE QUADROS

- Figura 1 – **Brincadeiras de rapazes**, Pieter Bruegel, Kunsthistorisches Museum, Viena.

- Figura 2 – **Roda**, Milton Dacosta, óleo sobre tela, 1942, coleção Gilberto Chateaubriand, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

LISTA DE ABREVIACÕES

- **APEOESP** → Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo
- **LDB** → Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- **MEC** → Ministério da Educação e Cultura
- **ONGs** → Organizações Não-Governamentais
- **PI / PIII** → Professor I / Professor III
- **PROESF** → Programa Especial de Formação de Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas
- **UNICAMP** → Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	7
2. COMEÇAR DE NOVO	9
2.1. Minhas Lembranças	10
2.2. A Criança na Sociedade	17
3. MEUS PRIMEIROS PASSOS NA EDUCAÇÃO	20
3.1. Ser ou Não Ser Professora?!	24
3.2. Eu: Professora!	26
3.3. Buscando Outros Caminhos	30
4. PROFESSORA & ALUNA	34
4.1. Educando o Olhar	40
5. A BUSCA DA TEORIA & PRÁTICA	45
5.1. Brinquedos e brincadeiras	47
REFERÊNCIAS	59

1. APRESENTAÇÃO

"No verdadeiro homem se esconde uma
criança que quer brincar"

Nietzsche

Como começar?!

Imaginei uma ponte... Toda ponte serve para uma travessia que nos permite alcançar o outro lado. Se nos deslocamos até a 'outra ponta', corremos riscos durante seu trajeto, que saberemos se são viáveis ou não somente se arriscarmos a concluir a travessia.

Tendo esta idéia na mente, resolvi utilizar esta "construção" para voltar ao meu passado e tentar resgatá-lo, trazendo aspectos importantes para o presente.

O interessante é que consegui enxergar minha viagem sobre esta 'ponte', indo e vindo diversas vezes; quando acreditava que iria alcançar o outro lado, distanciado por 'longa data', via-me retornando ao ponto inicial porém, resgatando diversos conhecimentos durante o trajeto de volta. Confesso que alguns foram perdidos no meio do caminho e outros levarei comigo para, certamente, utilizar no amanhã...

O que mais impressionou-me fora que NUNCA tinha realizado essa travessia! Principalmente com uma 'nova roupagem'.

Porém, como sempre definimos objetivos a serem alcançados durante uma viagem, nesta quis resgatar o que estava lá no comecinho da ponte: minha infância, as brincadeiras, a construção inicialmente lapidada nos primeiros anos de existência, que fizeram com que eu chegasse onde estou hoje. Descobri que elas estão vivas, bem vivas!, dentro de mim e, diariamente, idealizo-as em meus alunos, tentando proporcionar o mais prazerosamente possível, o que vivi há muito tempo atrás.

Em suma, focalizei duas fundações: infância & conhecimento. O resultado está descrito neste Memorial; enquanto o relato, continuo fazendo a travessia, que parece não acabar nunca!

Caçador de mim

(Sérgio Magrão; Luiz Carlos Sá)

Por tanto amor
Por tanta emoção
A vida me fez assim
Doce ou atroz
Manso ou feroz
Eu, caçador de mim

Preso a canções
Entregue a paixões
Que nunca tiveram fim
Vou me encontrar
Longe do meu lugar
Eu, caçador de mim

Nada a temer senão o correr da luta
Nada a fazer senão esquecer o medo
Abrir o peito a força, numa procura
Fugir as armadilhas da mata escura

Longe se vai
Sonhando demais
Mas onde se chega assim
Vou descobrir
O que me faz sentir
Eu, caçador de mim

Cantando esta música, vou traçando meu caminho pela ponte!

2. COMEÇAR DE NOVO

"A identidade de uma pessoa e de um povo
começa nos rituais de infância."

Erik Erikson

Memorial!? Segundo o dicionário Aurélio: "1. Escrito que relata fatos memoráveis; memórias. 2. Petição escrita." Portanto, nada mais significativo que reportar às minhas diferentes lembranças e observá-las com um olhar curioso, analítico, interessado em decifrar algumas mensagens subliminares que as mesmas deixaram em minha vida (FERREIRA, 2.001, p.456).

Um fato que chamou-me a atenção neste ano de 2.005, período em que realizava este Memorial, fora um filme que assisti após 10 anos – ou mais, não lembro-me com exatidão – que causava-me arrepios por se tratar de um tema grotesco e assustador: "O Exorcista". Pensei: 'será que assisto ou não?! Acho que não dormirei a noite pois ficarei com medo, assim como fiquei há tanto tempo atrás!' No entanto, criei coragem e fui assistir – ao lado de minha mãe, é claro!

No decorrer do filme não assustei-me em momento algum! O que aconteceu comigo?! Impressionante! Observava o filme com um olhar diferenciado, atento, buscando sempre uma resposta para os fatos que estavam sendo apresentados. Encontrei-me no final deste, debatendo com minha mãe determinados aspectos que chamara minha atenção e, mesmo sendo noite, não encontrava-me ansiosa... Ao contrário, além de relacionar o filme com diversos ensinamentos adquiridos nestes últimos anos, o que levou-me a obter um amadurecimento frente aos meus sentimentos, autocontrole e outros, interliguei-o ao Memorial que estava desenvolvendo. Relacionei ambos, no momento atual, às provocações internas

vivenciadas há anos atrás: como será o desenrolar do mesmo?; haverá um começo, meio e fim assustador ou não?!; saberei lidar, após “assistir” o desenrolar do mesmo, com as transformações provocadas? Enfim, foram tantos questionamentos que reporteime ao primeiro dia do filme.

Só que desta vez tentei agir de maneira diferente, pois já tinha uma certa ‘experiência’ que obrigava-me a ter uma reação adversa à que eu já havia apresentado. Afinal de contas, diz o velho ditado que errar é humano porém, persistir no erro é teimosia; então, como não me considero uma pessoa “tão ignorante” a ponto de continuar a persistir no erro e, sendo uma profissional atuante na Educação que zela pela postura de estar buscando novos olhares e enfrentando os caminhos tortuosos que permeiam nossa prática, decidi, mesmo com tantas dúvidas, receios, inseguranças e expectativas, enfrentar este desafio: relatar minhas impressões neste Memorial.

Enquanto dissertava minhas memórias frente aos diversos caminhos percorridos até então, analisava-o dentro de uma perspectiva que colocava-me na condição de aluna e professora simultaneamente... enfim, um ser social em constante processo de transformação. Por isso, sempre acreditei no que dizia o músico e poeta Raul Seixas: “Eu prefiro ser uma metamorfose ambulante, do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo...”. Apesar de não conseguir sempre me metamorfosear, tento não virar um ser estático, que observa o mundo sempre com o mesmo foco.

2.1. MINHAS LEMBRANÇAS

Ao reportar-me a minha infância, logo mergulho nas lembranças das brincadeiras na rua (pega-pega, mamãe da rua, queimada, chicote queimado,...) com as crianças que moravam na vizinhança de casa.

Formávamos um grupo misto (meninos e meninas) e todos com a faixa etária próxima. Havia somente um menino mais novo, que aparentava muita fragilidade e era sempre designado a ser o “café com leite” (participante sem muita importância no desenvolver da brincadeira) mas que em momento algum era maltratado e sempre procurávamos protegê-lo.

Sob um olhar educacional, o local utilizado para desenvolvermos nossos conflitos, idéias, jogos, regras... não pode ser classificado como um ambiente pedagógico definido sob os parâmetros escolares; não éramos direcionados por profissionais ou adultos que interferissem nas atividades. Contudo, todo espaço deve ser valorizado para que a aprendizagem infantil se expanda e apresente diferentes tarefas a serem cumpridas e assimiladas – principalmente em relação às regras sociais frente ao grupo em que se está inserido, como é o caso da Escola.

... o espaço físico de qualquer tipo de centro de educação infantil precisa tornar-se um ambiente, isto é, ambientar as crianças e os adultos: variando em pequenos e grandes grupos de crianças, misturando as idades, estendendo-se à rua, ao bairro e à cidade, melhorando as condições de vida de todos os envolvidos, sempre atendendo às exigências das atividades programadas individuais e coletivas, com ou sem a presença de adulto(s) e que permitam emergir as múltiplas dimensões humanas, as diversas formas de expressão, o imprevisto, os saberes espontâneos infantis. (...) o espaço é a acumulação desigual do tempo (FARIA, 1999, p.70 - 71).

Voltando à rua, lembro-me que em meio às atividades lúdicas que desenvolvíamos, os adultos estavam sempre dando um jeito de controlar-nos. Havia um horário determinado, provavelmente combinado entre as mães, para brincar e voltar para casa, ao qual obedecíamos sempre sob muitos protestos! Realmente o “tempo” necessário à criança para desempenhar suas “atividades prazerosas” é muito diferente daquele estipulado pelos adultos “donos da razão”...

Hoje, analisando, não discordo da necessidade e importância dos pais / responsáveis em estabelecer limites e auxiliar a criança na organização de suas atividades pois o processo de estruturação organizacional inicia-se desde os primeiros momentos de vida, onde a criança começa a ter horários para tudo: comer, brincar, dormir etc.

Este fato levou-me à associar a estruturação do tempo e espaço no contexto escolar, onde muitas vezes percebo que a criança não compreende os tempos determinados pelo professor para desenvolver suas atividades educacionais pois não fora bem trabalhada pelos responsáveis estas noções e limites desde seu nascimento.

Há muitas reclamações de educadores que descrevem crianças muito ativas, que não sabem ter um mínimo de comportamento frente a um grupo diferenciado, como o propiciado pelo ambiente escolar. Isto leva à geração de constantes conflitos entre pais e professores que tentam exigir um mínimo de adaptação desta criança frente ao ambiente escolar, mas que é deficitário devido à falta de trabalho realizado inicialmente, dentro de casa.

Frente a esta situação, acredito que o brincar poderia ser melhor aproveitado pelos pais para se definir este conceito ‘espaço-tempo’, o qual será cobrado da criança no futuro. Percebo, no entanto, que o momento da brincadeira frente ao

aprendizado desvincula-se. No entanto, autores conceituados tratam deste tema com muita seriedade definindo que:

(...) o brincar é prazeroso, estimulativo, desafiador... É nele que a “criança” resolve seus conflitos, testa suas habilidades, defronta-se com o outro, cria, sorri, diverte-se, esquece seus problemas cotidianos. Brincar é experimentar, relacionar-se, imaginar-se, expressar-se, compreender-se, confrontar-se, negociar, transformar-se, ser (FONTANA; CRUZ, 1997, p.139).

O não vincular determinados assuntos às brincadeiras realizadas pelas crianças, obrigando-as mais tarde a permanecerem na sala de aula por um tempo longo, onde ficarão sentadas numa cadeira com mesa, professor, lousa... cumprindo horários, currículos, planejamentos feitos pelos “adultos” com testes e provas, fez-me questionar: Caso não tenha começado a desenvolver os conceitos necessários para ter um “autocontrole temporal”, a criança não apresentará dificuldades em sua vida escolar que poderão ser definidas como ‘problemas de aprendizagem’, entre outros? Como uma criança poderá ter organização espaço-físico se, por vezes repetidas, ela fez tudo o que queria, no momento em que achava adequado, principalmente envolto em birras e artimanhas para conseguir o seu contento e, amanhã, será cobrada para não fazê-lo?! Não somos cruéis com nossos pequenos alunos exigindo algo que, muitas vezes, eles só aprendem brincando, sentados em um tanque de areia, subindo em árvores, compartilhando um brinquedo com os colegas? Será que há ‘banco de escola’ que possa ensinar com maestria o que só a brincadeira ensina à criança?

Mais uma situação de aprendizagem e atenção que uma simples memória levou-me a atingir.

Recordo-me também de minha irmã (um ano mais nova e também professora atualmente), minha companheira de todas as horas, brincadeiras e brigas comuns nesta fase.

Quando estávamos “reclusas”, ou seja, fora do horário de brincar na rua e também após termos cumprido nossas tarefas escolares e domésticas – que consistiam, principalmente, em arrumar nosso quarto, nossa bagunça... – gostávamos de pular amarelinha, subir em árvores frutíferas que haviam no quintal da casa e vivenciar personagens de novelas (quase sempre a “mocinha” romântica da história) ou super-heróis / heroínas, sem esquecer os policiais da série “CHIPS” veiculada na tv. naquela época (década 70/80), cujos protagonistas eram nossos “namorados”... Quantas vezes já identifiquei situações semelhantes nas vivências de meus alunos!

Além disso, adorávamos brincar de casinha, vestir as roupas e usar a maquiagem de minha mãe, muito participativa de nossas brincadeiras... o que só fazia aumentar o nosso amor e admiração por ela!

É no grupo familiar que a criança descobre mais do seu “eu”, a medida que se identifica com membros de sua família. Isso é um processo ativo. Interpretando os papéis daqueles que estão à sua volta, capacita-se a descobrir mais coisas a respeito de seu mundo – capacita-se, posteriormente, a estabelecer diferenças entre as pessoas e entre as coisas (CAMARGO; RIBEIRO, 2003, p.104).

Denota-se como é importante o envolvimento do adulto nas brincadeiras das crianças! Este “encontrar” a infância... nos leva a considerar a forma como recebemos o **outro**, atentando ao fato de não “reduzi-lo” ao que determinamos como

'o correto', mas aproximando-nos da forma de como podemos construir / aprender com ele.

Sobre este assunto, Jorge Larrosa (1.999) afirma que:

A educação é a forma com que o mundo recebe os que nascem. (...) Receber é criar um lugar: abrir um espaço em que aquele que vem possa habitar; pôr-se à disposição daquele que vem, sem pretender reduzi-lo à lógica que impera em nossa casa (p.188).

Relembrando as brincadeiras que eu e minha irmã fazíamos, reporto-me à sala de aula onde ainda encontro crianças que praticam a mesma atividade durante os momentos de brincadeiras livres. A explanação de determinados costumes provindos de casa são visíveis no ato de brincar; algumas delas: papai sai para o trabalho; mamãe prepara o almoço e cuida das crianças; repreensões dadas pelos responsáveis referente a algum ato não conveniente etc. Estas atitudes levaram-me a refletir sobre os papéis que são passados para as crianças relacionados aos deveres de homens e mulheres dentro de uma sociedade e, principalmente, dentro da classe econômica familiar que se encontra.

Conduzindo este pensamento para a questão das relações de gênero, percebo o quanto ainda temos que caminhar para um encontro com a discussão sobre este tema com as crianças e, desta forma, elucidar estereótipos, discriminações e a rigidez dos papéis internalizados por homens e mulheres.

Ainda que seja o início para "possíveis grandes transformações", procuro desenvolver estes questionamentos em pequenas ações do cotidiano escolar, tais como: dar liberdade na escolha de cores (rosa não é uma cor feminina!), brincadeiras, brinquedos... oportunidades para desempenhar diferentes papéis ao brincar..., objetivando esclarecer sempre que os tabus estabelecidos pela sociedade devem ser superados tanto pelas crianças quanto por nós.

Entretanto, noto que há muita resistência por parte da comunidade escolar, principalmente pelos educadores que insistem, com suas práticas e modos de ver o mundo, perpetuar o sexismo, o machismo, o desrespeito às diferenças, a laicidade...! A persistência, principalmente destes que se intitulam educadores formados para ter uma visão 'tridimensional', em levar para dentro de sala de aula determinados conceitos tomados como pessoais deveriam ser questionados e, quando necessários, abolidos ao menos da rede escolar. Todos tem o direito estabelecido por lei de conhecer sua cultura e história, sem envolver pré-conceitos.

O discurso da igualdade de direitos e deveres sociais propagado pela escola se perde na dicotomia da ação educativa que privilegia um grupo em detrimento de outro.

Segundo Camargo, Ribeiro (2.003):

A escola mantém, na maioria das vezes, uma aparência de neutralidade quanto à educação de homens e mulheres e oferece o mesmo currículo expresso a ambos. No discurso oficial existe a igualdade de oportunidades. A co-educação foi uma conquista, (...) mas os padrões sexistas são inconscientes para o professor e a professora. A instituição é uma engrenagem que atua na construção da subjetividade (...) moldando seus pensamentos, sentimentos, percepções e ações. A escola aplica a ambos uma educação diferenciada, inculcando-lhes valores que deveriam estar ultrapassados (p.107-108).

Diante dessa conscientização, nós, professores poderemos realizar um importante trabalho de transformação, desenvolvendo o respeito às diferenças e usufruindo da riqueza que a diversidade proporciona, abrindo caminhos e sinalizando a liberdade de escolhas a que todos "deveriam" ter o direito.

Frente a tantas lembranças relacionadas à infância, não pude deixar de recordar-me de uma disciplina da Faculdade que tratava do assunto sobre a Educação da criança de 0 a 6 anos. Para que ficasse relatado em minhas memórias,

resolvi descrever o que mais foi significativo para a minha concepção sobre como o conceito de infância é determinado historicamente pela modificação das formas de organização da sociedade e a formação dos primeiros sentimentos relativos à criança.

2.2. A CRIANÇA NA SOCIEDADE

O autor Philippe Ariès (1981) faz uma interpretação das sociedades medievais, nas quais a concepção de infância não correspondia à consciência de sua peculiaridade e era reduzida a um certo período de fragilidade no que diz respeito à mortalidade vivenciada na época; durante este período citado, a criança permanecia junto a família, principalmente mãe ou ama. Logo após a travessia deste, era afastada da convivência da família e sua “educação” era garantida através da convivência com os adultos: aprender fazendo. Sendo assim era considerada um ‘adulto em miniatura’.

Na sociedade da Idade Média houve a formação de um sentimento superficial pertencentes às mulheres que cuidavam da criança no espaço familiar, ao qual o autor denominou “paparicação” (p.158). Este sentimento provocou reações críticas à atenção dispensada às crianças, desenvolvendo outro sentimento denominado “exasperação” (p.161), que define a irritação sentida pelos adultos em prol da paparicação. Em prol disso, começaram a ater-se nos sentimentos provindos e dedicados à infância, com o objetivo de melhor conhecê-la para corrigi-la, movendo o interesse psicológico e moral.

Devido ao movimento de moralização, a educação passou a ser escolarizada, separando a criança dos adultos por um período de enclausuramento.

Consequentemente, ocorreu a polarização da vida social em torno da família desaparecendo a antiga sociabilidade existente, devido ao recolhimento e organização do espaço privado...

A partir de então a educação começa a ter um novo olhar para a criança: passa a ser reconhecida como um ser diferente do adulto, na medida que tem ritmos de crescimento, comportamento e individualidade própria.

Este sentimento iniciado na sociedade medieval não é visto da mesma forma na educação atual, pois está claro que os anos iniciais são fundamentais para uma estabilidade emocional, psíquica e física da criança, porém, nada que eleve-se aos exageros.

A medida que a sociedade muda, os conceitos acompanham-na. A Educação também faz o seu papel e hoje, observa-se o progresso, talvez mínimo, mas que não deixa de ser um avanço frente aos moldes do passado.

Mesmo com tantas alterações sócio-econômicas e, fazendo os paralelos dos estudos realizados com o que busquei na memória, percebo que a infância que vivi está cada vez mais obsoleta, pois cada vez fica mais raro identificá-la nas vivências das crianças de hoje. Elas quase não conhecem mais as brincadeiras de rua que presenciei, talvez por não poderem experimentá-las devido à crescente violência encontrada na sociedade, entre outros fatores.

Outro fator relevante frente à ausência de brincadeiras e outras atividades coletivas, que observo na infância atual é que a mesma é mediada pela tecnologia e pelo consumo, não mais pelas pessoas e pela afetividade – voltamos à época medieval de ‘exclusão’ da criança para um meio extra-familiar: vídeo-game, computador, internet entre outros.

As crianças que não se informam e se divertem pelos meios tecnológicos existentes, são rotuladas como “diferentes” e excluídas de determinados meios considerados mais valorizados socialmente: shoppings, lan house, etc.

A ausência dos pais também é muito visível e sentida, pois elas estão permanecendo mais sozinhas, tendo que arcar com responsabilidades e preocupações cada vez maiores, voltando a ser um ‘adulto em miniatura’. Já presenciei algumas que fazem os serviços de responsabilidade dos pais: cuidam da higiene, alimentação e educação de seus irmãos mais novos, realizam trabalhos domésticos ou deslocam-se até cruzamentos de ruas para solicitar aos transeuntes o dinheiro necessário para arcar com as despesas de casa.

Além disso, é importante ressaltar a influência que a mídia exerce sobre a infância, na qual a televisão / computador desempenham papéis significativos inclusive de “babás eletrônicas”... as quais transmitem valores que nem sempre são percebidos pela família.

Tantas situações influenciando a vida da criança, acaba refletindo não só no comportamento e estruturação psíquica que a mesma formará, como também na relação da mesma com os grupos que conviverá, principalmente, o grupo escolar.

Os educadores devem ater-se aos fatores que cercam o aluno com quem ele irá trabalhar, buscando a história do mesmo – assim como busquei um pouco da história da educação – e observarem até que ponto estas o influenciam, para assim saber como programar suas aulas, tornando-as mais motivadoras, reflexivas e ‘construtoras’ de cidadãos.

3. MEUS PRIMEIROS PASSOS NA EDUCAÇÃO

“O sujeito cria sua identidade quando
constrói o conhecimento”

Sérgio Cardoso

Refletindo sobre minha identidade profissional, novamente volto à infância e aos anos que iniciei minha escolarização, quando a **ansiedade** – uma característica de minha personalidade – foi denunciada com meu nascimento prematuro. Entretanto, o mundo do lado de fora não deve ter me assustado tanto (apesar de ter nascido com os cabelos arrepiados), pois minha mãe – grande companheira e incentivadora – sempre estava ao meu lado, construindo a base de amor e confiança na qual ergueu-se minha vida.

Apesar do apoio materno, o início da minha vida escolar na pré-escola, aos 6 anos, foi muito difícil!

Tive que passar por mais um “nascimento” em 1978, só que agora na escola e sem minha mãe por perto!!! A minha salvação foi a presença da minha irmã, que não ficou na minha classe, mas estava no mesmo ambiente que eu.

Chorei alguns dias, reclamei, protestei... mas o medo do desconhecido foi desaparecendo, pois aprendi a gostar da escola.

Vale ressaltar que “(...) falar em adaptação implica afirmar a reciprocidade dos processos nos quais não só a criança se adapta, mas adaptam-se também as outras pessoas e a própria instituição, em um movimento recíproco” (FERREIRA; AMORIM, 2.004, p.11).

Neste contexto, relacionei minha vida pessoal com a escolar: brincadeiras, carinho da professora, atenção de amigos, jogos, encontro com minha irmã. Isto fez com que eu me identificasse com o ambiente a que fora inserida.

Após tal experiência na Educação Infantil, vieram os oito anos no Ensino Fundamental realizado em uma escola da rede estadual. Entretanto, minha constante reclamação era sobre a obrigação de ter que ir à escola diariamente. Meu apreço modificara-se.

A primeira angústia nesta nova fase foi a separação entre eu e minha irmã, que permaneceu na escola anterior e eu, sozinha, fui obrigada a frequentar outra escola MAIOR, e mais ASSUSTADORA. Volto ao assunto 'adaptação', sendo importante lembrar que a mesma não é um processo que se encerra em um determinado momento da vida, mas que permanece em contínua transformação e adaptação a novos momentos, ambientes e situações ao longo da vida; então, novo aprendizado, novos desafios... no Ensino Fundamental.

A segunda, envolveu a alfabetização: que mundo era aquele?! Tinha que decorar muitas letras, 'famílias silábicas', junção de sílabas... e o que era pior: não entendia muito bem para que serviam aquelas atividades todas. Usamos a Cartilha "Caminho Suave" que adotava um método tradicional cuja proposta era a assimilação do conteúdo disposto neste parágrafo, envolto na memorização, treino e repetição. Esta prática pedagógica é calcada na concepção que a escrita fundamenta-se somente para representar a fala. Enfim, enfrentei mais um 'Caminho Suado' que 'Suave' porém, era obrigada a continuar meus estudos.

Atualmente, percebo uma preocupação por parte de muitos educadores em estarem desenvolvendo uma alfabetização voltada para a compreensão e aplicação da aquisição da leitura e escrita, sendo trabalhado sob diversas teorias e métodos

como os propostos pelo sócioconstrutivismo de Lev Vygotsky, construtivismo de Emília Ferreiro, 'educação para a consciência' de Paulo Freire entre outros.

Objetiva-se não visar a alfabetização somente para “ler palavras isoladas” mas sim, contextualizando-a, cujas construções: verbais, textuais entre outras visarão a formação do aluno competente, ou seja, um leitor e produtor de diferentes gêneros textuais, questionando a realidade social com seus conflitos e contradições.

Em relação à alfabetização e o letramento, o professor Sérgio Leite¹, definiu que apropriar-se socialmente da escrita pelos seus usos sociais é diferente de aprender o domínio do código: alguém pode dominar o código, mas ser pobre de letramento; alguém pode não dominar o código e ter um nível razoável de letramento. Quem desenvolveu outras habilidades de compreensão de escrita, fez isso no decorrer de sua vida escolar / familiar e não quando fora alfabetizado no modelo tradicional de ensino – silabação reproduzida sem interpretação.

O método Tradicional é muito criticado por diversos profissionais; no entanto, é uma prática que continua sendo adotada em muitas redes escolares, talvez por falta de orientação adequada frente às outras propostas de trabalho. Além disso, a insegurança frente a estas novas mudanças causa certo temor, o que distancia os educadores de tentarem buscar novas práticas de ensino.

Por último, ainda sobre minha nova fase estudantil, não gostei da professora que era brava, uma pessoa idosa (ao meus olhos na época) e sem paciência – o oposto da minha outra professora. Quantos obstáculos!!! E todos teria que enfrentar “sozinha”!

¹ Alfabetização e Letramento. Aula Magna apresentada em 25/09/2.002, no Salão Nobre da Faculdade de Educação da UNICAMP. (LEITE, 2.002)

Mas, como tudo na vida se modifica, tive que aceitar e continuar a viver com determinados “empecilhos”.

Após os primeiros anos, comecei a questionar minha mãe novamente sobre a necessidade de frequentar todos os dias a escola, pois achava que bastava ler o livro didático para me considerar ‘detentora do saber’; o professor não era necessário, pois o via como um simples transmissor do que estava escrito nos livros didáticos, não relacionando o conteúdo com o meu cotidiano. A famosa “decoreba” era muito exigida; não havia muita problematização dos conteúdos, o que não tornava a aprendizagem significativa.

Refletindo sobre este momento, reporto-me à minha aula na Educação Infantil e busco sempre trazer novidades, aulas planejadas envolta em pontos interessantes, assuntos que estão sendo divulgados na mídia... fazendo um paralelo com o conteúdo a ser desenvolvido em sala com o contexto familiar / social / cultural o qual os alunos estão inseridos, levando-os a refletirem, opinarem, criticarem e buscarem soluções para as propostas apresentadas. Esforço-me para não ser vista como a “professora detentora do saber” , e sim como ‘mediadora’, que está naquele local para falar e ouvir, ensinar e aprender, ajudar e ser ajudada...

Dentro da proposta em decorar conteúdos, houve outro momento que desesperou-me: uma professora na 5ª série, que ministrava aulas de Língua Portuguesa, que era extremamente conteudista e exigente, adotava o método Tradicional e, além de realizar inúmeras “chamadas orais” – as quais não entendíamos o porquê em decorar poesias, preposições, tempos verbais, entre outros – exigia um caderno de redação, utilizando-o uma vez por semana. Éramos extremamente criticados em qualquer texto que produzíamos, nunca havendo um elogio ou incentivo frente à nossa produção.

Isto marcou-me profundamente e percebo, atualmente, esta situação quando tenho que produzir qualquer gênero textual em qualquer situação: local de serviço, faculdade, cartas pessoais, etc. Apesar de gostar muito de ler, sinto uma grande insegurança quando tenho que expor meus pensamentos por meio da escrita. Volto ao início do Memorial quando fiquei insegura em descrever minhas memórias. Realmente, relacionei muitas vivências do meu passado com as teorias aprendidas até então.

Diante de tantos fatos recorrentes em minha vida, pensei em mudar meu sonho de infância: ser professora. Outra fase de minha vida: o que fazer?!

3.1. SER OU NÃO SER PROFESSORA?!

No trâmite do Ensino Fundamental para o Ensino Médio, optei por prestar o vestibulinho para o curso de Bioquímica e, por força do destino ou do pavor de escrever, esqueci de fazer a redação na prova. Conclusão: fui desclassificada.

Como havia passado no vestibulinho para o curso de Magistério na Escola Estadual “Carlos Gomes”, resolvi cursá-lo para não perder um ano de estudo.

Encontrei professores muito preocupados com a formação dos alunos, o que influenciaram-me, com seus atos, experiências e dedicação, a cursar com afinco a carreira de magistério.

Houve um professor em especial – prof. José Valério Lopes dos Santos – que, com seus exemplos de atenção e carinho apresentados durante suas aulas, fez-me vivenciar frente às suas explanações e modelo de aula, quais deveriam ser as qualidades fundamentais de um professor, segundo a teoria de Paulo Freire (2.002), resumindo-se nos seguintes pontos:

- Capacidade amorosa: em sua concretude, necessidade de doar-se não só ao aluno, mas ao processo de ensinar;
- Humildade: procurar melhorar; nunca acreditar ter total domínio do tema a ser explorado e não discriminar nenhuma atitude ou opinião, principalmente as que provêm dos alunos;
- Tolerância com os diferentes: aceitar as diferenças, crescer com elas, se disciplinar, não deixar escapar a tarefa pedagógica que ela traz;
- Coerência: muitas vezes o discurso é democrático e a prática é autoritária;
- Mudar a forma de brigar e não desaparecer o direito de tal prática;
- Gosto pelo saber leva o docente e o aluno ao exercício prazeroso e significativo de sua prática;
- Recuperação da escola pública em relação à qualidade & quantidade, estendendo-se a todos;
- Nutre a esperança contínua do país ficar 'menos feio' que atualmente. Não nascemos feios, mas ficamos feios ou bonitos na medida que lutamos com esperança.

Paulo Freire sempre afirmava que era necessário molhar a esperança como se molha uma inocente arvorezinha. Percebi com esta frase que o professor é um profissional de grande valor se ele começar a valorizar, em primeiro lugar, a si mesmo. Agindo desta forma demonstrará, como o prof. José Valério se apresentou a mim, um exemplo maravilhoso que é ser uma pessoa atuante na vida de outra pessoa, tendo possibilidade de fazer a diferença no futuro dela – ou de outros que virão.

Meu antigo sonho voltou a florescer e, após 4 anos, formei-me como professora. Já tinha consciência da grande responsabilidade que essa profissão acarreta.

3.2. EU: PROFESSORA!

Aliado a ansiedade e insegurança que sentia, vivi um imenso pavor quando consegui uma substituição de uma professora da 2ª série numa escola estadual, no ano seguinte à minha formatura, em 1991. Voltei ao filme do 'Exorcista'!

Tinha 19 anos e não sabia, ao certo, o que fazer. Todas as professoras já tinham experiência. Eu era a única novata. Porém, recebi grande apoio delas, da diretora... enfim, de todos da escola. Até as crianças me receberam com muita receptividade!

Lembro-me que falava baixo, não conseguia gritar, dar “aquelas broncas”... Era tímida e amorosa. Quando ficava nervosa, logo meus olhos enchiam-se de lágrimas... fato que causava grande comoção nas crianças, que logo tratavam de me “ajudar”, exigindo bom comportamento dos colegas. Até que a fundamentação de Paulo Freire dava bons resultados: ser amoroso!

Senti-me querida e esse envolvimento emocional sempre foi importante para mim, me faz crescer tanto no campo profissional quanto pessoal.

Como esta escola que citei era muito afastada da zona urbana, a equipe não mudava muito com o decorrer dos anos, possibilitando uma união muito grande no trabalho, inclusive com os professores III, que lecionavam no antigo “ginásio” (5ª a 8ª série).

Permaneci nesta escola por 7 anos. Sempre tentávamos trabalhar de modo que houvesse uma valorização e continuidade nos trabalhos realizados, trocando informações e experiências. Tentava colocar em prática teorias e fundamentações que adquiri na época do magistério e percebi que algumas davam certo e outras, devido a diversas situações que contrastavam com a realidade vivida naquele ambiente escolar, não eram possíveis. Um exemplo a ser mencionado era a pobreza vivida pelos alunos, o que não os possibilitavam a virem com roupas mais adequadas à escola. Isto envolvia a higiene dos mesmos: por mais que ensinássemos os padrões de higiene, suas necessidades e as consequências da não utilização da mesma, muitos não as colocavam em prática pois a própria moradia não oferecia condições de saneamento básico fundamentais para a aplicação do que descobriam na escola. Comecei a experimentar que nem sempre a teoria & prática andam juntas.

Ressalto que este fator não impedia que eu me abstinêsse de apresentar outras realidades aos alunos e que os estimulasse a buscar os meios mais adequados para a resolução de algumas situações: animais longe do ambiente doméstico (pois alguns permitiam que animais circulassem livremente pela casa), para tentar manter o mínimo de higiene ambiental e corporal, entre outras aprendizagens.

As reuniões pedagógicas eram realizadas semanalmente e, sempre que possível, com toda a equipe docente da unidade. Importante ressaltar a atitude da diretora e coordenadora que tudo faziam para construir estas “pontes” entre os professores classificados pela Diretoria de Ensino como PI (professores de 1ª a 4ª série) e PIII (professores de 5ª a 8ª série).

Aliás, foi através dessa aproximação com professores de outras áreas de ensino que desenvolvi o sentimento de luta pela valorização do ensino, da escola pública e do professor.

Abrindo um parênteses, lembrei-me que na Faculdade debatemos em diversos momentos a predominância de elementos característicos do sistema burocrático que se organiza em torno do problema do controle social. A escola é mais uma instituição que vem no seu conservadorismo, respondendo à necessidade da sociedade, reproduzindo desigualdade.

Neste sentido, tem-se no Projeto Político Pedagógico, quando elaborado por toda a comunidade escolar, um grande instrumento de luta a favor da democratização da escola pública, deixando de ser “mera executora de projetos construídos fora dela” (GANDIN, 1.999, p.70); ainda que a escola não seja tão autônoma quanto alguns querem pensar.

Voltando à reunião pedagógica..., tive a oportunidade de conviver com professores muito atuantes em seu papel de cidadão: pessoas críticas e reflexivas que reivindicavam seus direitos a todo momento. Estas, oportunizavam-me experiências de vida que haviam passado em épocas de ditadura e outras do próprio cotidiano escolar, levando inclusive alunos e colegas de profissão a refletir sobre estes momentos.

Comecei a compreender as aulas do Magistério sobre História, as quais eram tidas como fora do meu contexto histórico-social e que, após ouvir as explanações dos professores mais ativos, observei o quanto era influenciada pelos acontecimentos históricos ocorridos.

A idéia de uma escola feita por todos tem pregado a importância da autonomia a ser conquistada nos diferentes espaços de atuação do cidadão.

É importante ressaltar que a re-significação dos objetivos da escola é essencial para o desenvolvimento da Educação e da sociedade democrática na busca do rompimento das relações de poder existentes, pois ainda “(...) precisa repensar essa idéia de poder para construir uma nova relação com ele. É necessário aprender a usar o poder e não apenas denunciá-lo ou execrá-lo.(...) nenhuma transformação pode ser realizada sem poder” (ibidem, p.69).

A participação é um processo de desenvolvimento da consciência crítica e de aquisição do poder e deverá transformar as pessoas antes passivas e conformistas, em ativas e críticas. Vinculada à esta posição, filiei-me a APEOESP (Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo) participando dos manifestos, greves, paralisações realizadas em Campinas, São Paulo e Brasília, em prol da Educação.

Estes momentos reportaram-me a uma frase que anotei, certa vez, em uma agenda, encontrada há pouco tempo, referente a reflexões e anotações sobre documentários que gostava de assistir quando era adolescente. A mesma fora definida por Raul Seixas (s/d), que expressa o que aprendi nesta fase de minha vida: “Sonho que se sonha só é só um sonho. Sonho que se sonha junto é realidade!”

Pude sentir a emoção de fazer parte de um “sonho” com milhares de outros educadores que, por ousarem “sonhar”, conseguiram transformar a realidade muitas vezes; sinto orgulho pela minha profissão, apesar de todos os ‘pesares’. Venci algumas barreiras, juízos... e percebi o quanto tenho a aprender ainda. Acredito que sempre tive essa percepção em relação à responsabilidade que a educação nos obriga a ter e, talvez por isso, muitas vezes, torna-se tão assustador ser professor. Mas, o receio de talvez “nunca chegar lá” é que torna a vida interessante.

3.3. BUSCANDO OUTROS CAMINHOS

Em meio a tantas lutas, optei em prosseguir dentro da carreira do magistério, dentro de uma estrutura que dispensasse satisfação profissional, pessoal, social, bem como uma estabilidade empregatícia e financeira – óbvio que dentro das limitações que a carreira impõe. Esclareço ‘empregatícia’ pois no Estado não era funcionária efetiva, sendo professora contratada temporariamente, cujo cargo era sempre perdido no final do ano; após período de muita expectativa e angústia, era recontratada no ano seguinte. Devido a tantas pressões, estudei por conta própria e prestei concurso nas Prefeituras de Hortolândia e Sumaré, nos quais fui aprovada.

Em primeiro momento atuei no município de Hortolândia, no ano de 1.999 e, na atribuição de aulas, haviam classes de Educação Infantil nos bairros que me interessavam, optando assim por uma área até então desconhecida; após certo tempo aprendi a conhecer, respeitar e amar toda a estrutura que a mesma demandava... Tanto que, quando fui na atribuição de classes em Sumaré – um ano depois –, defrontei-me com a escolha entre o Ensino Infantil x Fundamental, optando pela primeira alternativa.

Reverendo agora estes fatos, tenho que reconhecer a minha ignorância transformada em preconceito frente ao trabalho realizado pela Educação Infantil pois, até 1.998 como atuava no Ensino Fundamental, em minha concepção, as professoras que atuavam nesta área não passavam de “babás”; após esta ‘adaptação / mudança’, já no município de Hortolândia, modifiquei completamente minha visão e hoje atuo, prazerosamente, com crianças de 0 a 6 anos. Sobre este assunto, retorno aos conhecimentos adquiridos na Faculdade sobre o direito da criança à Educação Infantil. Foram estes debates e estudos proporcionados pela

UNICAMP que ampliaram meus conhecimentos sobre a Educação Infantil, os quais são de suma importância serem mencionados neste Memorial.

A escolarização infantil envolvendo a idade de zero a seis anos, deve ser analisada em seu contexto e complexidade. Alguns dos questionamentos a serem levantados envolvem os seguintes temas: por quê incluir a Educação Infantil no sistema de ensino?; qual é o tipo de educação que será proposto à esta faixa etária?; quais direitos que estas crianças terão e como serão garantidos os mesmos?

Segundo Anete Abramowicz (2003), a expansão deste tipo de educação relaciona-se com:

A crescente urbanização, a participação e inserção cada vez maior do trabalho feminino, os movimentos sociais, a antecipação crescente da escolarização de crianças, o fim das repetências (progressão continuada), a necessidade de antecipar a escolarização para colocar as crianças em melhores condições no ensino fundamental, as lutas pelo direito da criança à educação (consubstanciada no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA – de 1990) (...) (p.14).

Tais fatores interferiram nas decisões do governo levando, no Brasil, a afirmação na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº. 9394/96, a ratificação da educação infantil como dever do Estado. No entanto, tal decisão não leva à concretização do fato pois dados estatísticos denotam o enorme número de crianças pequenas sem acesso à escola.

No decorrer histórico da prática educativa infantil já se encontra a questão sócio-econômico-político-social interferindo neste processo, quando observa-se a estrutura montada para atender as crianças. Quando relaciona-se este ensino a uma realidade cujo poder econômico encontra-se mais baixo, as mudanças são visíveis tanto na denominação utilizada para se referir à instituição, estendendo-se aos

profissionais e qualificação desenvolvida neste meio. Para exemplificar tal posicionamento, destaca-se que tais instituições são rotuladas de creches, escolinha, pré-zinho..., as quais funcionam em período integral para atender à 'demanda'; os profissionais que atuam são selecionados por meio de concursos ou ONGs e muitas vezes não dominam um conhecimento necessário à área em que atuam – além de serem intituladas e pagas de acordo com a função rotulada. Dependendo da equipe e do compromisso que esta assume perante seus alunos, a qualidade de ensino pode ser prejudicada, limitando-se ao CUIDAR em detrimento do EDUCAR.

O aspecto muda quando se trata de uma instituição para crianças de nível de renda per capita maior, cuja qualificação de ensino e tratamentos desenvolvidos na mesma superam, às vezes, as denominadas 'creches'. A dicotomia se faz presente até mesmo no ensino destinado às crianças de zero a seis anos.

A produção da infância segue então várias linhas que vão desde as econômicas, educacionais, políticas, sociais, até as jurídicas, médicas, sanitárias, religiosas, envolvendo, inclusive, a linha do brincar. Sendo assim, a criança não é ouvida e sua história é construída "sobre" ela; esta história carrega em si uma linha de abandono, violência, morte, desqualificação e uma inserção da mesma numa cultura disciplinadora, normativa e produtora de um determinado tipo de aprendiz qualificado ao ambiente em que deve se estabelecer. Então, como a autora, questiona-se: "Para que queremos incluir as crianças pequenas no sistema educacional?" (ibidem, p.16)

Deve-se lembrar que atualmente todos os cidadãos, mesmo não se atendo ao fato, vivem numa sociedade de controle e que estão, a todo momento, sendo vigiados. Obviamente que na escola esta situação não é diferente: há um modelo de

ensino a ser seguido, há profissionais gerenciando o andar do processo, há um horário a ser cumprido, há uma norma a ser seguida...

No entanto, há um quesito diferente: a criança com sua vivacidade, com sua potência exercitada a todo instante, com o fato de viver inventando o mundo, é um alerta contra a imobilidade, intensidade, quietude... que muitos praticam frente ao sistema de controle imposto. A criança mostra por meio deste alerta que é possível criar, dentro de uma sociedade controladora, um espaço de possibilidades e que é necessário reinventar a vida por que todos somos capazes desse feito.

O papel de cada um – principalmente dentro de uma instituição escolar – é fazer o possível para exercitar, como a criança, sua capacidade de buscar novos rumos, novos caminhos e aceitar o diferente trabalhando e aprimorando-o cada vez mais. “Precisamos dar condições para que todas as vozes, principalmente as sussurrantes, falem e ecoem, para que também possamos escutar todas as vozes que emudeceram.” (ibidem, p.22)

Este é o papel da educação que deve ser um leque aberto para que se expandam todas as vozes e idéias, mesmo que estas não sejam possíveis de serem perfeitamente audíveis e compreensíveis – como é o caso das crianças de zero a seis anos – mas que através de pequenos gestos demonstram que possuem grandes conhecimentos inseridos em si.

Após mais de 7 anos no Ensino Fundamental, não penso em mudar de área, pois a Educação Infantil encanta-me e contempla minha visão profissional e pessoal.

A partir deste ponto, nova mudança se fez: com a lei imposta pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura) definindo que os professores atuantes na Educação deveriam ter Ensino Superior, voltei a ser aluna e a frequentar a sala de aula, observando sob outro ângulo. Este é um caminho que nunca esquecerei!!!

4. PROFESSORA & ALUNA

“O importante não é o que fizeram de nós, mas o que nós próprios fazemos daquilo que fazem de nós.”

Sartre

Em 2.002, cursei o 1º semestre do curso de Pedagogia em outra universidade da região de Campinas. Não especificarei o nome da mesma por ética e respeito aos que atuam na mesma, guardando este ‘dado’ em minha memória. No entanto, creio ser necessário ater a alguns pormenores observados por mim pois tive a oportunidade de comparar duas instituições de ensino superior, no qual não atuava como docente – apesar de ter um olhar sobre a profissão, pois encontro-me nesta área de atuação – mas, sim, como discente; ou seja, um olhar diferenciado sobre Educação.

Não fiquei muito satisfeita com a abordagem frente ao ensino da mesma pois apresentavam uma concepção tradicional envolto em apostilas, resumos, explanações orais sem debates, avaliações quantitativas e somativas, provas bimestrais cujo conteúdo deveria ser memorizado... enfim, todo um currículo voltado à apropriação (literalmente) do conhecimento sem levar em conta a pesquisa, desvinculando o ensino da prática profissional do aluno e da realidade que o mesmo atuava. A classe era numerosa, com aproximadamente 120 alunos, o que certamente não possibilitava uma interação do grupo e uma discussão proveitosa do conteúdo ministrado pelos profissionais que no estabelecimento atuavam.

Notava-se que alguns educadores buscavam aprimorar suas aulas fazendo o possível para que os conteúdos fossem bem desenvolvidos mas não conseguiam ir

muito além do que deveria ser o necessário, devido a tantos empecilhos que haviam na classe – já citados – e na própria administração da faculdade.

No entanto, era necessário o aperfeiçoamento profissional, principalmente devido à nova lei que estabelecia a obrigatoriedade do ensino superior aos docentes – ou a perda de emprego – e eu me encontrava neste meio, fazendo o possível para desenvolver meus estudos e garantir meus ideais.

Neste período recebi a informação, na escola onde leciono atualmente – EMEI “São Judas Tadeu” / Sumaré – S.P. –, sobre o vestibular da UNICAMP para o curso de Pedagogia – PROESF (Programa especial de formação de professores em exercício da Região Metropolitana de Campinas).

Parecia um sonho! Além de estudar em uma universidade conceituada, ter acesso a um ensino de qualidade, eu iria sair do pesadelo de “como conseguir dinheiro para pagar a faculdade?”... Isto me aterrorizava profundamente!

Em meio a tantos candidatos, prestei o vestibular designado especificamente para este curso e passei, no 2º. semestre do mesmo ano, a vivenciar o sonho de estudar na UNICAMP.

Nova adaptação, novas concepções, novos desafios e, principalmente, novas PESQUISAS & REFLEXÕES – o que não estava habituada a desenvolver, depois de longos anos fora dos bancos escolares.

Uma nova proposta foi introduzida na UNICAMP com o nosso curso. Percebi o esforço, a boa vontade, dedicação e comprometimento dos que estavam engajados no sucesso deste.

Contudo, a discrepância, ao meu ver, com a realidade que me encontrava no 1º semestre frente à nova realidade era exorbitante. Fiquei admirada e comecei, neste momento, a ter uma visão crítica sobre a educação superior: como o ensino

pode ter tantas nuances?! Porém, cabia a mim, como estudante reflexiva, definir dentro dos critérios éticos, políticos, sociais e econômicos, a postura que adotaria frente à esta oportunidade que surgia a minha frente, modificando assim minha prática profissional, formando novos conceitos e levando-os aos que estão próximos e diretamente envolvidos com a minha formação: meus alunos, colegas de trabalho, superiores, pais e familiares.

Em meio a tantas pesquisas e informações, tomei conhecimento sobre um texto que tratava do erro de interpretação na redação do Artigo 87 da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), que estabelece no 4º. Parágrafo: “até o fim da década da Educação somente serão admitidos professores habilitados em nível superior ou formados por treinamento em serviço”; todos pensavam que se o professor não tivesse Formação Superior, não poderia mais lecionar, inclusive eu (in: PRADO,2.003, p.17).

Com base em Ricardo Prado (ibid.) os legisladores redigiram “até o fim da década...” em vez de “a partir”, subentendendo-se que entre 1.997 e 2.007 somente seriam admitidos professores que tivessem diploma no nível superior e que, após este período tudo voltaria à situação encontrada até então, onde professores com formação mínima para a prática de magistério, oferecida em nível médio, seriam admitidos.

Fiquei admirada em saber que os esforços dispensados no início dos estudos poderiam ter sido em vão por causa de uma má interpretação de uma lei. No entanto, fiquei tão aliviada em saber que esta lei poderia não entrar em vigor pois conhecia muitos colegas de profissão que não tinham condições de frequentar uma faculdade e que estavam agoniados com a possibilidade de perda de emprego. Mas, a minha alegria maior era que, independente da interpretação realizada, EU estava

cursando uma FACULDADE depois de tantos anos fora do banco escolar! O que esta lei determinaria não implicaria nas minhas decisões futuras: continuar a buscar uma qualidade de estudo, um progresso profissional e pessoal.

Comecei a perceber que a formação educacional superior abria-me um caminho fundamentado para que eu pudesse dar continuidade ao sonho de buscar uma educação de qualidade na escola pública.

Muitos foram os trabalhos, debates, aulas, professores, comentários, apresentações... que marcaram minha experiência educacional até então. Entretanto, sentia-me como se estivesse em uma MONTANHA-RUSSA – aquele brinquedo de Parque de Diversões! Eram tantos altos e baixos que, quando havia uma ‘parada para a entrada e saída de informações’, acreditava ser o momento de descanso e, quando preparava-me para descer... lá ia novamente para os ‘altos e baixos’ do brinquedo! Sei que este Memorial é um deles, que faz-me refletir sobre os primeiros passeios! Então, vamos lá!

Que disputa para montar um grupo de estudos dentro de uma classe com 42 alunos! Nossa, antes eram 120 e agora só $\frac{1}{3}$ deste total, mas que vale pelos 100%. Quantas ‘cabeças’ pensando diferente! Uma achava que era melhor ‘assim’ e a outra acha que era melhor ‘assado’ pois as experiências falavam mais alto; enriquecia-se o grupo que aprendia a refletir coletivamente e individualmente, respeitando as diferenças existentes, mas os altos e baixos eram vistos a ‘olho nu’ e, mesmo assim, traziam suas glórias, decepções e conhecimentos fundamentados para o trabalho em questão.

Foram várias tentativas de formações de grupos até adaptarmos as que realmente se afinaram. Porém, todas as alternativas foram extremamente válidas pois trouxeram riquezas profissionais, pessoais, estudantis... imensas!

Relacionando o momento descrito aos temas abordados, lembro-me de um trabalho realizado na disciplina “Pensamento Filosófico e Educação”, no qual narrei sobre uma conversa informal que houve entre um grupo de colegas, frente a uma polêmica sobre a atitude de um determinado professor que se recusou a continuar a aula devido o comportamento dos alunos e, em seu descontentamento, proferiu determinadas palavras que ofenderam os presentes.

Repreendi a atitude do referido professor pois a considerei extremamente agressiva, destemperada, demonstrando arrogância, egoísmo, superioridade e total falta de empatia com os alunos.

Já uma colega defendeu-o plenamente, concordando com tudo o que ele havia dito e feito, pois o mesmo tinha seu ritmo de trabalho, o barulho interrompia seu raciocínio, os alunos eram mal-educados e, sobretudo, o professor não havia sido agressivo.

Fiquei indignada; mesmo concordando com alguns pontos colocados, era inconcebível que ela não havia visto traço algum de agressividade nele e passei a defender o meu ponto de vista, enquanto ela fazia o mesmo. Nunca fui de me expor tanto! Realmente a faculdade desperta estas situações em nossa vida.

Travou-se uma batalha... sem vencedores!

Porém, continuei incomodada com a discussão e pus-me a refletir:

Por que quando somos contrariados em nossas opiniões, começamos (na maioria das vezes) a impor o que pensamos, “brigando” para que o outro aceite a nossa verdade?

Quando isso acontece, o orgulho prevalece, minando uma grande oportunidade de troca (e não de luta) de idéias que certamente ampliarão nossa visão, discernimento e crescimento interior.

Então parei para lembrar se já cometi esta atitude com meus alunos e... QUE SUSTO! Fazia isto quase que corriqueiramente e não percebia tal situação.

Acredito que a maioria gosta de se impor perante seu próximo; devemos ter cuidado como tomamos frente à estas situações, as quais consideramos como “verdades absolutas”, porém, vistas sempre sobre o nosso foco.

Muitas vezes, nós, professores, somos tão autoritários, priorizando nossos desejos, ansiedades, valores...e será que temos consciência de como tais atitudes chegam aos nossos alunos? Será que algum dia, um deles me olhou da mesma maneira que vi aquele professor? Ou me viram coberta de razão como o olhar de minha colega para aquele professor?

Difícil saber... Mas espero me lembrar, em todos os dias que virão, de me colocar sempre no lugar do “outro” (seja aluno, colega, professor...) para me enxergar e refletir se estou agindo bem ou não. E, se for o caso, tentar melhorar (produzir uma nova teoria/ação).

Será que é possível saber como as nossas atitudes são interpretadas pelas pessoas ao nosso redor?

Talvez se dermos oportunidade para o diálogo e a reflexão, tudo se torne possível... E a filosofia também seja a “cura” para todos os males e a ponte para grandes transformações... Quem sabe! Só quem começar a exercitá-la é que vai descobrir se as modificações são possíveis pois a teoria nos fundamenta e a prática nos auxilia a sermos melhores.

Pensando na busca de uma visão diferenciada para adquirirmos uma reflexão melhor, mais contextualizada..., é que apresento neste Memorial um pequeno relato de como ‘eduquei o meu olhar’, frente aos debates realizados nestes anos de estudos; destaco que não tenho condições de explanar toda a dimensão da

aprendizagem que obtive e, principalmente, que este olhar continua sendo desenvolvido, a medida que viajo nesta e em outras pontes que virão.

4.1. EDUCANDO O OLHAR

Mediante as reflexões realizadas no decorrer deste curso, algumas disciplinas foram enfocadas como um estudo do espaço de vivência da sociedade, no qual faz-se necessário um trabalho pedagógico que vá ao encontro de “explicações inacabadas” e possibilitem a percepção da dinâmica da formação e transformação da natureza bem como as relações com o meio social, constituindo um instrumento de compreensão para ampliar a visão além da leitura ingênua da realidade que nos cerca.

Nessa perspectiva de trabalho, o ensino não deve ser caracterizado pela transmissão de nomes e conceitos isolados de um contexto, sem vínculo algum com a realidade da criança ou com a sociedade onde ela vive. É necessário despertar a consciência de que somos parte de um todo em constante transformação.

Para tal, a realidade da criança, sua bagagem cultural e as experimentações são importantes para tornar a aprendizagem mais significativa, pois como já foi explicitado as crianças não ficam passivamente lendo ou ouvindo, mas interferem, agem, investigam, observam, provocam reações e fenômenos, levantam e testam hipóteses, tiram conclusões...assim como nós – adultos, alunos e professores – combinando teoria e prática, além de comparar diferentes explicações (espontâneas, científicas ou de outras fontes de produção de conhecimento), proporcionando a busca de uma postura reflexiva e investigativa.

Neste contexto, os trabalhos em grupo, o estudo do meio, a pesquisa bibliográfica e a utilização de linguagens como jornais, internet, fotografias, filmes, desenhos, propagandas... não podem ser ações gratuitas, mas que tenham coerência com a proposta de trabalho, objetivos e critérios traçados por nós, professores, e à realidade da classe para ampliar a construção dos conhecimentos e a percepção do ambiente em sua globalidade.

Inclusive porque estas linguagens refletem um mundo real, possível ou imaginado e manifestam diferentes intenções, procurando informar, convencer, seduzir, entreter, vender, sugerir estados de ânimo... Portanto é imprescindível uma educação do olhar para interpretar tais funções/discursos implícitos nestas representações, desvendando-os.

Tal abertura proporciona uma reflexão sobre a legitimidade dessas linguagens e além disso, requer sensibilidade às solicitações provenientes dos alunos, extraindo o máximo possível dessas propostas, que surgem de experiências próximas e de outras trazidas através dessa tecnologia de informação e comunicação que ampliam o cotidiano, rompendo as barreiras do espaço e tempo.

A escola deve incorporar, também, a cultura popular e promover uma aproximação entre os saberes da realidade vivenciada pelos estudantes em seu dia-a-dia e nos conhecimentos científicos e de outras realidades culturais, como forma de enriquecimento da própria experiência (ARAÚJO, 2003, p.34)

Sendo assim, o ambiente é tratado de forma global, partindo de temas específicos para relacioná-los a outros – ciência/ técnica/ política – de forma a desenvolver a visão do todo integrado e inter-relacionado, contribuindo para a luta de sua preservação, pelos direitos humanos e melhores condições de vida.

Diante dessas considerações, admito que, infelizmente, durante muito tempo não abordei explicitamente o conhecimento científico como um processo histórico permeado por relações de poder e como principal causa de domínio do homem – não só sobre a natureza – mas sobre outros homens, aprofundando reflexões e possibilitando novas leituras da realidade.

Entretanto, procuro redirecionar minha prática oportunizando situações que levem ao ensino transversal, partindo do interesse das crianças e de suas necessidades, estabelecendo uma relação direta com o meio em que vivem (temas cotidianos) e o conhecimento historicamente acumulado (capital cultural), através da Pedagogia de Projetos, na qual as temáticas transversais são a finalidade da ação educativa, onde os conteúdos tradicionais terão a função de permitir aos alunos compreenderem o mundo em que vivem.

Nesta perspectiva, a constatação das “...objeções à imagem de objetividade, neutralidade e padronização do método científico, ao caráter inquestionável do conhecimento científico e seu menosprezo às demais formas de conhecimento...” possibilitaram-me um aprimoramento do olhar para desvendar tais ‘verdades absolutas’, encaradas como produtoras da realidade (AMARAL, 1998, p.218).

Essa mudança conceitual foi sendo construída através dos estudos e reflexões no decorrer desse curso e me auxiliou a sedimentar em minha prática, deixando claro a importância de trilhar muitos caminhos e formas variadas para despertar na criança as dimensões perdidas, o sentido do todo, os problemas sociais, morais e econômicos que desafiam a todos nós.

Pude rever aspectos de minha prática e refletir sobre o quanto ainda tenho que aprender... Aliás, a aprendizagem é constante, obrigando-nos ao “movimento”, sempre alterando, acrescentando, eliminando certas posturas que não

correspondem mais aos nossos anseios ou de nossos alunos. Este exercício de revisão e transformação constantes devem fazer parte da vida de um educador para que, seu exemplo, torne-se vivência frente aos seus alunos.

Gostaria de deixar registrado algumas propostas apresentadas pelo Prof. Dr. Pedro Goergen², durante uma aula magna, para que as mesmas despertem a reflexão pois me sensibilizaram muito:

- Atingimos o mais elevado grau de desenvolvimento científico e nos sentimos mais inseguros do que nunca;
- Conhecemos a natureza como nunca antes e nos tornamos seu inimigo, depredador;
- Estudamos como nunca as relações humanas e nos isolamos como nunca uns dos outros;
- Fazemos previsões do futuro e nunca o futuro foi tão incerto;
- Fizemos do trabalho uma das preocupações centrais de nossa cultura e não temos emprego;
- Desenvolvemos sofisticadas técnicas de produção de alimentos e morreremos de fome;
- Estas questões precisam ser trazidas à consciência do aluno pois pode ser o germe da transformação.

Enfim, é possível educar o olhar e desenvolver uma formação do indivíduo como um ser social / político / econômico / histórico, bem como uma educação de qualidade, pois a falta de qualidade não é outra coisa senão uma educação para o

² Novas competências dos professores. Aula Magna apresentada em 02/05/2003, no Salão Nobre da Faculdade de Educação da UNICAMP.

desemprego, a marginalidade, a alienação, na qual a cidadania fica reduzida a uma mera formulação retórica.

Sendo assim, cada dia que passa, construo mais um pedacinho de minha identidade profissional... buscando caminhos alternativos para chegar ao aluno, entrando em contato com o outro e revendo-me como pessoa, na certeza de ser uma “metamorfose ambulante”.

Dentro deste processo de busca, volto à ponte no ponto inicial onde a infância, vinculada ao despertar da pesquisa, encontram-se e trazem fundamentações relevantes para a minha atuação. Esta é a proposta do próximo assunto neste Memorial.

5. A BUSCA DA TEORIA & PRÁTICA

"A criança joga e brinca dentro da mais perfeita seriedade, que a justo título podemos considerar sagrada. Mas sabe perfeitamente que o que está fazendo é um jogo."

J. Huizinga

No decurso das pesquisas, trabalhos e reflexões realizados durante este período no ensino superior, comecei a focar determinados pontos estudados visando principalmente a minha prática profissional.

Tudo o que era aprendido relacionava às situações que podiam esclarecer-me sobre as diversas ocorrências que surgiam em minha vida como aluna e professora.

Com grande surpresa, encontrei minha infância frente a diferentes estudos realizados na faculdade. E pude constatar que tais observações poderiam ser levadas para a sala de aula, pois muitos dos meus alunos agiam como eu agia quando era pequena. O que mais despertou minha atenção foi que, às vezes, não sabia como reagir frente a tantas diversidades que surgiam à minha frente, na área de Educação Infantil, que estendia-se desde uma birra até a falta de interesse de uma criança em frequentar uma escola. E olha EU ALÍ, passando por algo que EU JÁ HAVIA FEITO – e comentado no início deste Memorial! Não é espantoso?!

Voltei meu olhar para vários pontos e comecei a compreender melhor as opiniões de diferentes autores, a observação e indagação dos professores durante os momentos em que nos faziam refletir e tentar vincular os conhecimentos com nosso cotidiano, o esforço de demonstrar que o Ensino Superior é algo mais do que

formar profissionais para atuar na área em que escolheu, dentro de uma sociedade a qual estamos inseridos.

Como relatei minha infância + teoria + prática profissional, houve pontos que chamaram-me a atenção: em vários momentos, durante as aulas deste Curso de Pedagogia da UNICAMP, discutiu-se muito sobre a importância em se trabalhar com os alunos atividades que estimulem sua capacidade criativa... considerando-os seres ativos, históricos, socioculturais; devendo ser respeitados e dispostos frente a diferentes perspectivas, garantindo assim o envolvimento, ligação e compreensão da realidade por parte dos mesmos.

Mas, como garantir tanta qualidade e atributos principalmente no dia-a-dia escolar, cujo local a criança e o adolescente passam uma boa parte de suas horas rotineiras?! A resposta foi sendo concebida: através do BRINCAR & JOGAR.

Percebi que estes momentos em sala de aula, da própria faculdade, eram tidos como situações prazerosas e intelectualmente ativas, que estimulavam os alunos da minha sala a refletirem sobre o conteúdo explorado. Tais momentos envolviam: apresentações de trabalhos, dinâmicas grupais, seminários, debates fervorosos entre alunos e professores... enfim, 'brincadeiras e jogos' apropriados para a idade dos que ali se encontravam.

Devido a esta observação e o contato diário que tenho com crianças, resolvi aprimorar o olhar frente a este assunto, buscando definir e interdisciplinar as teorias desenvolvidas nas disciplinas da faculdade com minha prática educacional. Como enfoco este assunto desde que nasci, levando-o nas minhas diversas etapas de vida, visei aprofundar-me teoricamente sobre o tema, por meio de pesquisa, apresentando uma etapa desta neste Memorial.

Sintetizo neste, alguns pontos estudados e pesquisados ao longo do Curso de Pedagogia, definindo que não há conclusão – e certamente não haverá. Mesmo após finalizar tal trabalho neste curso, pretendo dar continuidade neste enfoque, que em mim foi despertado devido aos estudos realizados no ensino superior.

Descrevo um 'início' frente ao meu objeto de estudo...

5.1. BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS

Todos nós, um dia, fomos crianças. E, sem sombra de dúvidas, crianças sempre existiram! E, onde há crianças há : brinquedos, brincadeiras, jogos, alegria... Sim, pois crianças adoram brincar, inventar, criar, imaginar!!! E é desta maneira que elas tentam compreender o mundo dos adultos – as vezes, tão difícil destes mesmos adultos compreenderem!

Crianças de todos os lugares do mundo, independente da raça, credo ou nacionalidade, brincaram, brincam e continuarão brincando pois este ato está presente em suas vidas, auxiliando-lhes na construção de seus pensamentos e suas lógicas. Brincar significa divertir-se, alegrar-se; é jogar; é diversão 'com regras'! devido a tantas qualidades a instituição escolar deve explorar cada vez mais estes 'veículos' de ensino.

Brincar junto reforça os laços afetivos e ainda podemos manifestar nosso amor e respeito às crianças. Além disso, a maneira como as crianças tratam os brinquedos está relacionada com a forma de como elas recebem o brinquedo, ou seja, a criança sente quando o adulto dá um brinquedo como forma de 'livrar-se dela' ou, ao contrário, como situação de transmitir-lhe um momento prazeroso. A forma de

introduzir o brinquedo, jogo ou brincadeira para a criança é tão importante quanto o brincar.

É o que mostra a tela pintada em 1560, por Pieter Bruegel, que trata de uma pequena aldeia antiga, em épocas medievais, onde torna-se possível a apreciação de muitas crianças brincando e socializando-se.

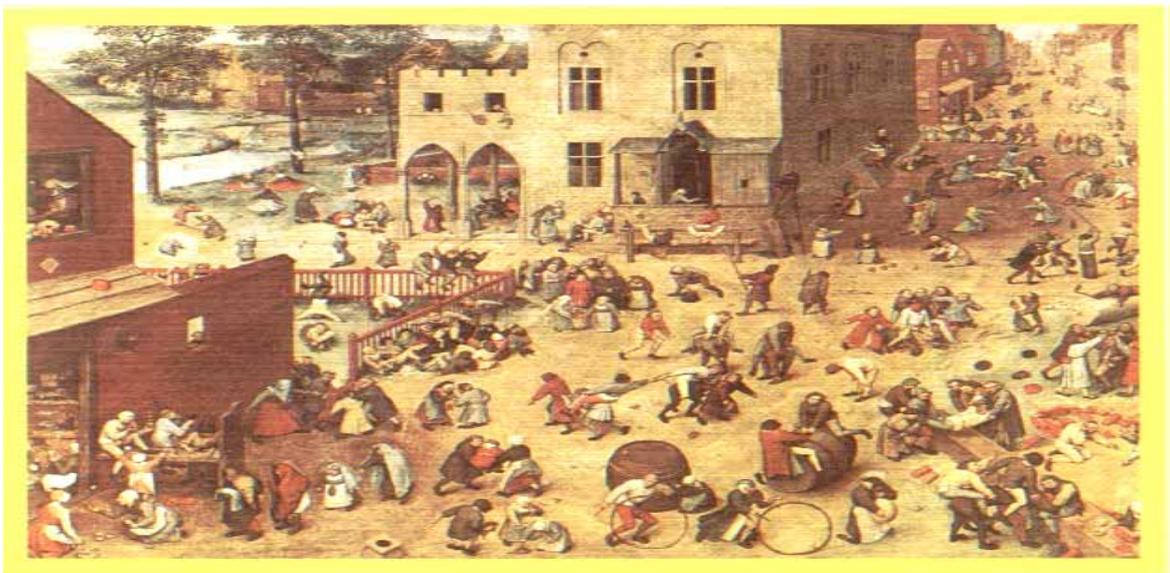


Figura 1

Os brinquedos e brincadeiras fazem parte do folclore e são constantemente transmitidos de geração a geração, como afirma Nereide S. S. Rosa (2.001): “Brinquedos e brincadeiras existem há muitos anos. Não sabemos quem os inventou, só sabemos que eles são até hoje transmitidos de boca em boca, de pai para filho, em todos os lugares de nosso planeta” (p.5).

O mais importante é que ao participar de atividades que envolvem brinquedos e brincadeiras antigas, tanto o adulto terá a possibilidade de “reviver o passado”, como a criança utilizará este momento para conhecer uma parcela importante da sua cultura e, o mais importante, conhecerá brincando. “O ato de brincar permite ao ser humano conhecer seus semelhantes e aprender a conviver em sociedade. Assim que faz novos amigos, você brinca com eles e tem a oportunidade de conhecê-los

melhor”; por isso devemos cultivar sempre este costume tão vivenciado e transmitido através de tantos séculos pois esses “ensinamentos” são enraizados e continuam, após tanto tempo, sendo um dos melhores instrumentos que o ser humano não conseguiu destruir por meio das guerras, desavenças, ameaças ou transtornos (idem, p.31).

Pelas ruas das cidades, nos quintais das casas, nos quartos, salas, campinhos, clubes, parques ... as crianças aprendem a viver e a conviver, brincando. Assim, de uma forma harmoniosa, compreendem e agem melhor no mundo.

Aprecie a afirmação acima no quadro de Milton Dacosta.

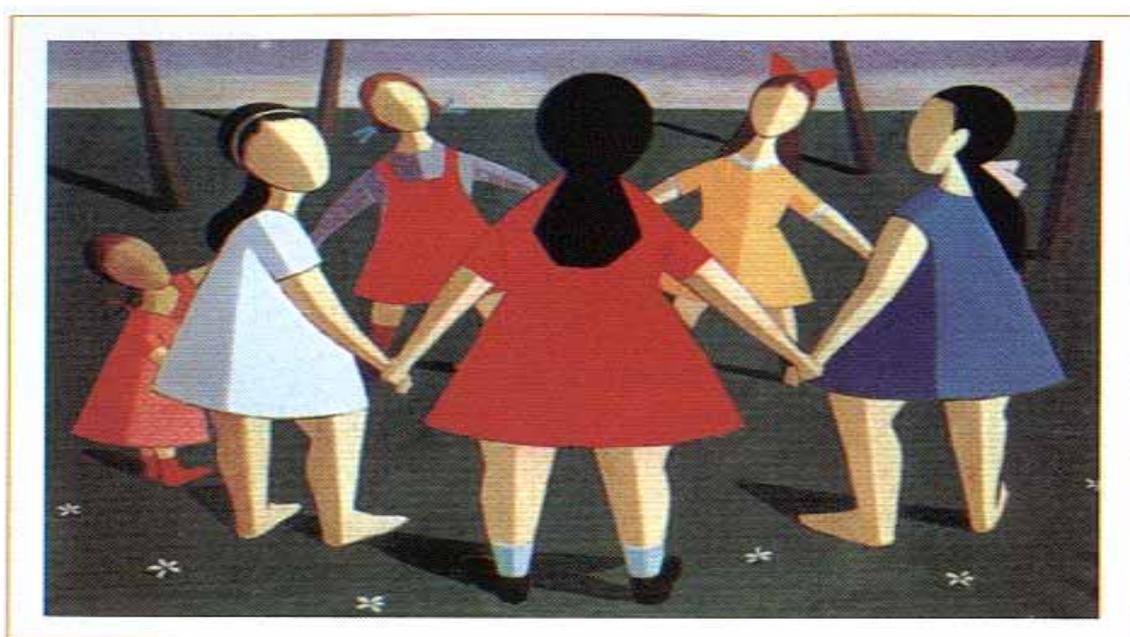


Figura 2

Quando enfocamos a questão da aprendizagem no processo do brincar, devemos lembrar que a APRENDIZAGEM, muitas vezes, é um processo muito árduo, onde necessita-se PENSAR para aprender.

Piaget e Vygotsky (FONTANA; CRUZ, op. cit., p.132) possuem concepções diferentes sobre a importância da brincadeira para a criança. Contudo, ambos concordam que a brincadeira evolui e se modifica.

Piaget define, em sua 'Teoria do Pensamento', que a evolução acompanha o desenvolvimento da inteligência e do pensamento enquanto a criança brinca, definindo o processo em três etapas :

1) JOGOS DE EXERCÍCIO → são os primeiros jogos que a criança realiza, não comportando nenhum simbolismo, consistindo basicamente na repetição, por puro prazer do comportamento que ela já aprendeu (é uma fase desenvolvida principalmente pelos bebês).

A finalidade é a busca do prazer pelo ato motor. Por exemplo : um bebê joga a chupeta no chão e o adulto a pega e devolve a ele.

A imitação é um ensaio da imaginação. Dois bebês juntos podem não brincar um com o outro, mas se comunicam quando imitam-se na brincadeira.

A persistência do ato, e o seu desenvolvimento, leva-o a perceber que sua ação interfere na ação do outro e, por meio deste processo – sempre com a tendência do ato se repetir – a criança vai elaborando seu pensamento.

Quando a criança percebe que seu gesto não faz mais efeito, ela improvisa, buscando outra brincadeira para continuar a busca do prazer e interferência anterior.

Com isso, nota-se que a criança passa a CRIAR situações, elaborando assim novos estímulos, novos pensamentos.

Os reflexos dos bebês são substituídos por movimentos voluntários simples. Seu cérebro muda de acordo com o decorrer dos meses e dos estímulos recebidos. Os bebês aprendem a IMITAR, depois IMPROVISAR até CRIAR.

Além disso, ele começa a perceber a situação CAUSA – EFEITO quando, por exemplo, ele aprende a chorar para conseguir algo desejado (após observar que inicialmente e, em algum momento, tal artifício deu certo).

Se num primeiro momento as ações do bebê são repetidas, aplicando-se aos mesmos objetos, chega um momento em que outros e novos objetos começam a ser empregados. Esse tipo de jogo dá origem ao JOGO SIMBÓLICO...

2) JOGO SIMBÓLICO (ou faz-de-conta) ⇒ este tipo de jogo surge na criança quando seu pensamento torna-se capaz da representação simbólica (aproximadamente aos 2 anos). É a principal atividade da nova fase, surgindo com a aquisição da linguagem.

O jogo começa por comportamento pelos quais a criança imita objetos, pessoas ou situações. Aos poucos, a brincadeira simbólica com outras crianças (casinha, escolinha...) começa a ter lugar e o simbolismo lúdico vai se tornando mais complexo.

Durante uma troca de experiência com outras professoras, conheci o trabalho desenvolvido em um escola infantil onde as crianças participaram de uma atividade “mobilizada” pelo projeto trabalhado, que transformou o espaço escolar em salão de beleza, lanchonete, e banco. Todas elas, após terem trabalhado na organização do salão, confecção dos comes e bebes e arrumação dos locais, cheques e dinheiros, receberam uma quantia em cheque – para ser descontado no banco – e puderam ‘gastar’ na lanchonete e no salão de beleza.

O envolvimento era tamanho que muitas não queriam acompanhar as auxiliares de classe para tomarem seus banhos diários pois iria estragar a maquiagem, unhas e cabelos arrumados no salão de beleza.

Além desta atividade, muitas outras foram observadas em meu cotidiano escolar nas quais não haviam interferência das professoras e, atitudes como comportamento de professor, pai, mãe ou outros, eram visíveis nas brincadeiras de casinha, médico, posto de gasolina, etc..

Por isso, Fontana e Cruz (1.997) destacam que “... o símbolo lúdico pouco a pouco leva às representações adaptadas, em que verdadeiras dramatizações com papéis definidos ocupam o lugar do faz-de-conta” (p.134).

Sendo assim, nota-se que o que se imagina não necessita estar presente para ser vivido e que, construções com outros objetos ou materiais (massinhas de modelar, madeira, pedras...) passam a ser utilizados substituindo as transformações iniciais dos objetos que ocorrem nos jogos de faz-de-conta.

Assim, o jogo simbólico se desenvolve na direção de uma atividade mais construtiva, com finalidade de adaptação ao real. Os jogos de construção (...), os jogos dramáticos (teatrinho, dramatização) e também os jogos com regras, todos eles se devem ao desenvolvimento do jogo simbólico (ibidem, p.134).

Confirmando o que destacam as autoras acima, a experiência apresentada demonstra que a criança, do ponto de vista funcional, torna-se produtora de linguagens, criadora de situações, agente de sua própria criatividade, podendo assim submeter-se a regras organizacionais sociais e, com isso, adquirir o conhecimento frente aos simbolismos utilizados convencionalmente.

Como destaca Macedo(1.995):

O sentido e a necessidade de teoria formulam-se e ganham contexto nos jogos simbólicos. (...) a necessidade metodológica (...) e a possibilidade de explicação das coisas, (...) constituem as duas bases das operações pelas quais as crianças aprendem as matérias escolares. (...) os jogos de exercício são a base para o **como**, os jogos simbólicos são a base para o **porquê** das coisas (p.7- 8).

3) JOGOS DE REGRAS ⇒ aparecem por volta dos 7 anos, possibilitado pela socialização do pensamento, que conduz à substituição do simbolismo lúdico individual pelas regras. São atividades que desenvolvem principalmente ‘padrões’ que devem ser seguidos. A criança tem possibilidade de se socializar onde, ao mesmo tempo, subordina-se à regras como geradora de prazer (ex.: bingo, batalha naval, dominó, jogo da memória, etc.); porém, as regras supõem relações interindividuais, pois é uma regularidade imposta pelo grupo, de tal maneira que a sua violação representa uma falta.

Já Vygotsky trabalha com a idéia de que a evolução se deve a mudanças que ocorrem na interação da criança com o meio social, em razão das diferentes tarefas que lhe são colocadas.

As primeiras brincadeiras surgem da necessidade de dominar o mundo dos objetos humanos onde, ao brincar, a criança tenta agir sobre os objetos, como os adultos. Daí a reprodução de ações humanas praticadas pela criança no ato do brincar, que começam a aparecer mais claramente, a medida que ela vai se desenvolvendo. É o que afirmam, em seus estudos, Fontana & Cruz (op. cit.):

Nas brincadeiras de grupo, as relações sociais são reproduzidas nas relações das crianças entre si. Reguladas por regras implícitas de comportamento, essas relações são uma pré-condição importante para que, aos poucos, as crianças tornem-se conscientes da existência de regras na brincadeira. É sobre essa base que surgem os jogos com regras (...) (p.135).

Quando a criança insere-se no mundo do jogo de regras, por exemplo, aprendendo o que pode ou não pode fazer, inicia seu processo de interação social, envolto a normas a serem seguidas.

Tal socialização e obediência (ou não) às regras, despertará na criança a criticidade e momentos de resoluções de problemas, que proporcionarão um amadurecimento em seu desenvolvimento emocional-intelectual-social.

A competição faz parte desta etapa lúdica, pois é nela que muitos resolvem seus conflitos, problemas e ansiedades. Ela não é boa nem má, mas apresenta uma hipótese de busca de socialização e problematização universal da vida.

Contudo, deve-se ter cuidado como se trabalha com os jogos de regra pois “(...) o que se critica não é a competição em si mesma, mas as formas culturais, políticas etc. de se reagir diante dela” (MACEDO, op. cit., p.8).

Recomenda-se que com crianças menores (até 7 ou 8 anos), as regras sejam colocadas durante a atividade desenvolvida, pois muitas vezes, a criança esquece o número de regras estabelecidos anteriormente, não conseguindo se estruturar emocional e psiquicamente durante a atividade, surgindo sérios desconfortos.

Muitas vezes vivenciei esta situação quando alguns jogos eram explicados em sala de aula e muitas crianças não conseguiam assimilar todas as regras apresentadas. A compreensão e assimilação acontecia durante e após a atividade

prática, onde as regras ficavam mais claras à medida que se desenvolvia o jogo/ brincadeira.

Já para crianças maiores (acima de 9 anos aproximadamente) , as regras podem ser escritas e elaboradas com antecedência, pois as mesmas já possuem maior concentração e organização cognitiva para compreender e trabalhar com as mesmas.

Denota-se que o processo de pensar não envolve somente a parte cognitiva. O PENSAR está envolto a valores, crenças, imaginação, criação... E a brincadeira e o jogo entram como uma estratégia de ensino que amenizam um pouco esta árdua tarefa.

Além disso, o momento de pensar não pode ser TENSO. Tem que envolver PRAZER, ter RISO, ALEGRIA... para que a aprendizagem, vinculada à brincadeira, tenha significação e assimilação profunda.

As relações pedagógicas devem ser analisadas como um jogo, em que os jogadores se conscientizem de que muitas vezes estão fazendo uso dele de maneira equivocada contra o conhecimento, priorizando exercícios sem significado, os quais limitam-se meramente à memorização e satisfação dos educandos e pais, de apresentarem um conceito final nas avaliações, expurgando-lhe o valor lúdico, o prazer funcional do jogo.

Os jogos nos desafiam, nos estimulam e nos fazem reagir de outras formas levando-nos a pensar sobre ele, antes dele e melhor que ele, tornando-se um ponto de referência para a busca de um conhecimento prazeroso e excitante.

Makarenko (in: SILVA, 1986), inclusive, defende :

O jogo é tão importante na vida da criança como é o trabalho para o adulto, daí que a educação do futuro cidadão se desenvolva antes de tudo no jogo. É preciso, porém, “organizar” o jogo, de tal forma que, sem desvirtuar o seu caráter lúdico, contribua para formar as qualidades do trabalhador e cidadão do futuro. E esta síntese – que não é simples ou imediata, mas extremamente necessária – entre o princípio do prazer e o princípio de realidade, só poderá ser alcançada através da mediação do professor. Só assim, ‘a realidade poderá e deverá tornar-se a base, a própria fonte do prazer’ (p.115).

Se o jogar e o brincar são tão importantes na vida do ser humano, porque não introduzi-los no ensino escolar, do Infantil ao Superior, como forma de aprendizagem prazerosa e significativa?!

Algumas respostas foram alcançadas frente a busca incansável de tornar os estudos/ensinamentos mais acessíveis e interessantes aos alunos e profissionais das áreas de Educação.

Contudo, assim como o mundo está em constante transformação, a educação – de uma maneira global – apresenta diferentes modificações a cada momento, o que obriga o educador a estar constantemente atualizando-se, buscando novas formas de interação com o seu próximo.

Mesmo sobre tantas fontes pesquisadas, as quais demonstraram a importância e necessidade de estar utilizando o processo lúdico no ensinar e aprender, pois o mesmo está envolto ao prazer – mecanismo fundamental na vida do ser vivo – percebi que nem todas as perguntas obtiveram respostas completas e fechadas pois, no decorrer do processo de estudo, notei o amplo espaço que o assunto aborda, o qual pode ser resgatado e analisado, além dos vínculos que o mesmo proporciona em outras áreas de conhecimento.

Por isso volto a cruzar a ponte em que iniciei meu Memorial questionando: será que mesmo depois de ter “crescido” e ter as experiências adquiridas ao longo da vida, levando-me à uma visão mais crítica da realidade, não poderei mais ter uma visão ingênua do mundo, conservando a inocência e a capacidade que a criança tem de acreditar na transformação e na vida que poderia vir a ser um grande parque de diversões? Será que terei que continuar a ser uma “criança crescida”, onde a realidade se torna nua e crua frente aos olhos de quem a vê ?! Ou poderei utilizar todas as experiências para transformar, criticar, buscar, revolucionar, renovar... o que está a minha volta? ...

Quantas questões levantaram-se durante o meu trajeto. Atravessar, voltar, atravessar novamente, parar, refletir... foram atos que fizeram minhas memórias ficarem repletas de questionamentos. Porém, o que será de uma vida sem questionamentos e impasses que a impulsionem para a busca de algo!?

Estas ponderações lembraram-me de uma canção que gostaria de citar neste Memorial pois me recorda todos estes levantamentos realizados até então.

Brincar de viver

(Guilherme Arantes)

Quem me chamou

Quem vai querer voltar pro nnho

Redescobrir, seu lugar

Pra retornar

E enfrentar o dia-a-dia

Reaprender, a sonhar

Você verá que é mesmo assim

Que a história não tem fim

Continua sempre que você

Responde sim

A sua imaginação
A arte de sorrir
Cada vez que o mundo diz não

Você verá
Que a emoção começa agora
Agora é brincar de viver

Não esquecer
Ninguém é o centro do Universo
Assim é maior o prazer
Você verá que é mesmo assim
Que a história não tem fim
Continua sempre que você
Responde sim

A sua imaginação
A arte de sorrir
Cada vez que o mundo diz não

E eu desejo amar
A todos que eu cruzar
Pelo meu caminho

Como eu sou feliz
Eu quero ver feliz
Quem andar comigo

Vem , agora é brincar de viver

Percebi que estes anos de formação envolveram um JOGO SEM FIM; mas um jogo que, até então, fora muito bem assimilado, explorado, organizado, elaborado, e que precisa continuar a ser JOGADO SERIAMENTE – mas não tão severamente assim!!!

E então, VOCÊ “TOPA” O DESAFIO de participar de um jogo como este!!!!???

E de atravessar a sua própria ponte?!

Só lhe aviso que ‘ela’, assim como a minha, pregou algumas peças em mim querendo brincar de “ponte do rio que cai”, chacoalhando muito; às vezes apresentava curvas deixando-me com o olhar turvo, mas EU VENCI, a meu ver, vários obstáculos que ‘ela’ impôs! Tenho certeza que quem se dispuser a jogar, também conseguirá enfrentar seus medos! É só ficar de OLHO VIVO! Mas atenção: esta travessia, quando iniciada, nunca termina – é um vai e volta sem fim, sempre avançando um pouco mais...

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, A. **O direito das crianças à Educação Infantil**. Pro-Posições, Campinas/ SP: v. 14, n.3, p.13 – 24, set. 2003.

AMARAL, J. A. Currículo de Ciências: das tendências clássicas aos movimentos atuais de renovação. In: **Os currículos do Ensino Fundamental para as escolas brasileiras**. Campinas – SP: Autores Associados, 1998, p.201-232.

ARANHA, M. L. A. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Moderna, 2002.

_____; MARTINS, M. H. P. **Temas de Filosofia**. São Paulo: Moderna, 1992.

ARAÚJO, U. F. **Temas transversais e a estratégia de projetos**. São Paulo: Moderna, 2003.

ARIÈS, P. **A história social da infância e da família**. Rio de Janeiro: LCT, 1.981.

CAMARGO, A. M. F. de; RIBEIRO, C. **Sexualidade(s) e Infância(s): a sexualidade como um tema transversal**. São Paulo: Moderna, 2003.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2002.

FARIA, A. L. G. O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma Pedagogia da Educação Infantil. In: FARIA, A. L. G.; PALHARES, M. (org.). **Educação Infantil pós-LDB: rumos e desafios**. Campinas - SP: Autores Associados, 1999.

FERREIRA, A. B. de H. **Miniaurélio Século XXI Escolar**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2.001.

FERREIRA, C. R.; AMORIM, K. de S. O sentido da adaptação à creche e à pré-escola. **Pátio Educação Infantil**. Porto Alegre: nº.4, ano II, p.10-12, abr. / jul., 2.004.

FONTANA, R.; CRUZ, N. A brincadeira na vida e na escola. In : **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997, p.132-143.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 21ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2.002.

GANDIN, D. **Temas para um projeto político-pedagógico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1.999.

LARROSA, J. O enigma da Infância. In: **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. Trad. Alfredo V. Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 1.999, p.183-198.

MACEDO, L. de. Os jogos e sua importância na escola. **Caderno de Pesquisa**. São Paulo: nº.93, p.5-10, maio 1995.

MORENO, M. **Como se ensina a ser menina**: o sexismo na escola. São Paulo: Moderna, 1.999.

PRADO, R. Quem não tiver diploma vai perder o emprego? **Nova Escola**. São Paulo: nº.63, p.16-17, jun. / jul. 2.003.

ROSA, N.S.S. **Brinquedos e Brincadeiras**. São Paulo: Moderna, 2001.

SAVIANI, D. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. Campinas, SP: Editora Associados, 1984.

STEINBERG, S. R.; KINCHELOE, J. L. **Cultura infantil**: a construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2.001.

SILVA, S. A. I. **Valores em educação**. Petrópolis: Vozes, 1986.

Caçador de mim. Sérgio Magrão; Luiz Carlos Sá. Milton Nascimento: Minha História. Faixa 11. n. 61481165 EMI / Vitale / 1.981 – CD.

Metamorfose ambulante. Raul Seixas. Raul. Faixa 3. n. 61491691 Warner Chappell / Polygram / 1.973 – CD.

O Exorcista. Direção: William Friedkin. EUA: Warner Home Vídeo, 1.973, 132 min., color, legendado, (Tradução de. The Exorcist – DVD. – Terror)